

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Porantim

Class.: 1058

Data: Dez. 84

Pg.: _____

Com cem anos de luta, morre líder Kaingang

Pai respeitado por toda comunidade; padrinho; nominador (era profundo conhecedor dos "nomes do mato"); líder político, espiritual e cultural; incansável defensor do território kaingang em Nonoai, e especialmente da aldeia de Péi-kâr. Eis um breve perfil da vida de Francisco Kanheró por um período que supera a marca dos 100 anos. Ele pertencia à metade social kamê, e também era conhecido pelo "nome do mato" Reicon. Sua morte, em julho pp. em princípio, poderia sugerir uma repentina orfandade em Péi-kâr. Mas sua vida foi tão cheia de realizações, plena de ensinamentos e exemplos que marcaram muito a vida dos Kaingang de Nonoai e especialmente de Péi-kâr, que há muito vêm retomando e colocando em prática seus ideais, principalmente quando são atingidos pela violência e por ameaças de perda do território.



Alcides Basto

Francisco Kanheró

Kaingang daquela área, mas, a cada investida, os indígenas respondiam com determinação, negando-se a abandonar Péi-kâr, de onde não saíram mais. Kanheró costumava dizer a seus agressores que ele e seu povo não saíam da aldeia nem que para isto tivessem de tomar mortos...

KANHERÓ, SEGUNDO OS KAINGANG

Mas deixemos os próprios **Kaingang** falar sobre Kanheró, suas ações e ideias:

"Aquele que é índio de força. Ele sabe o que tá fazendo. Tá guardando aquela terra que é nossa". (Petry, atual cacique de Nonoai, 1982).

"Ele foi cacique, foi **kulã** e sabia curar o povo todo. Foi ele que me chamou pra atuá como **pein** (aquele que prepara o corpo do morto)". (Cachu, sobrinho de Kanheró, 1983).

"Desde o tempo antigo que o velho (tom carinhoso) luta por aquela aldeia, aquela terra. Muitas vezes tentaram correr ele de lá, mas ele tinha muita coragem e fibra. Tinha a força do mato". (Kandete, aldeia do Pinhalzinho, 1978).

"Esse aí (apontando pra Kanheró) é um monumento pra nós. Ele que sempre ensinou que a terra a gente não abandona. E ofereceu até a vida, se fosse preciso, porque ele pensava nas família, nos neto". (Karinri, aldeia de Péi-kâr, 1978).

"... O velho Kanheró cansou de dizer pros guarda florestal, pra gente do posto (P.I. Nonoai) que pra tirá ele daqui, só depois de morto, depois de passarem por cima do corpo dele". (Kokai, conselheiro em Péi-kâr, 1982...)

A morte de Kanheró certamente que não extingue a sua presença em Péi-kâr e em Nonoai. Certamente que os moradores da aldeia vão dar continuidade ao seu projeto, que fundamentalmente propunha a reconquista da área destinada ao Parque Florestal de Nonoai, reunificando assim o território demarcado em 1911/12. Um território único, indo de Péi-kâr para o leste, até atingir as proximidades da atual cidade de Nonoai. Este projeto certamente continuará motivando esses **Kaingang** que assim continuarão a honrar a luta dos antepassados, dos "tronco velho", e, em especial, a luta liderada por Kanheró em Péi-kâr, em defesa da terra, de suas vidas, e identidade sócio-cultural. (Ligia Simonian, antropóloga ligada ao Centro de Trabalho Indigenista).

Kanheró se tornou uma personalidade quase legendária, pois, por mais de setenta anos, esteve profundamente ligado à luta em defesa do território e da cultura indígena em Nonoai. Um verdadeiro representante do "tronco velho", como dizem os **Kaingang**. Junto a outros indígenas, Kanheró empreendeu várias viagens a Porto Alegre, principalmente no final da primeira década deste século, quando estavam a reivindicar a demarcação do que sobrou de terras, após longo e violento processo de expropriação. Na segunda metade do século passado e no início deste, o território kaingang em Nonoai, no norte do Rio Grande do Sul, foi roubado e retalhado para formar fazendas criatórias de gado, na época, imensos latifúndios particulares. Depois de uma luta incisiva, os índios conseguem a demarcação de uma "reserva indígena", entre 1911/1912. Kanheró participou do processo de demarcação como um dos orientadores da localização das divisas. Mas, apesar desta vitória, ele sempre recordava com tristeza dos tempos em que Nonoai era um território só, do rio Da Várzea ao rio Passo Fundo, e entre o rio Uruguai, ao norte, e o lagoado Papudo, ao sul...

Francisco Kanheró teve atuação decisiva como líder e orientador dos **Kaingang** de Péi-kâr, pois nunca se subordinou ao arbítrio, aos deslocamentos forçados. Por duas vezes (pelo que temos documentado), os **Kaingang** desta aldeia foram forçados a abandoná-la e a se dirigirem à outra parte da antiga reserva.

Por uma questão de tática, momentaneamente os **Kaingang** se deslocaram. Mas logo, e aos poucos, eles começaram a retornar a Péi-kâr, principalmente depois que se cansaram das promessas não cumpridas, feitas por funcionários do SPI, sobre construção de casas, atendimento médico, apoio para realização de roças etc. Reocuparam suas antigas moradas, locais onde viviam suas alegrias e tristezas, nas suas terras. Novas tentativas seriam feitas para tirar definitivamente os